



A EXPRESSÃO VARIÁVEL DO FUTURO VERBAL NO PORTUGUÊS FALADO EM GARANHUNS-PE

THE VARIABLE EXPRESSION OF THE FUTURE TENSE IN THE PORTUGUESE SPOKEN IN GARANHUNS-PE

Ítala Lisandra de Oliveira Lima (UPE/GEADLin)¹
italalisandra2015@gmail.com

Fernando Augusto de Lima Oliveira (UPE/GEADLin)²
fernando.oliveira@upe.br

Sara Larissa Carvalho Eloi (UPE/GEADLin)³
saralarissa82@gmail.com

Kaline Alves Ferreira da Silva (UPE/GEADLin)⁴
alveskaline262@gmail.com

Soanny Vanielice Pereira Torres Izidoro (UPE/GEADLin)⁵
soannyt@gmail.com

RESUMO: Objetivamos, com esta pesquisa, compreender a expressão variável do futuro verbal na comunidade de fala de Garanhuns-PE. Buscamos analisar se há maior realização em futuro sintético ou em futuro perifrástico. Para tanto, partimos da descrição/análise de fatores linguísticos (tempo verbal, paralelismo formal e extensão lexical do verbo principal) e de fatores extralinguísticos (faixa etária - 15 a 25 anos, 35 a 45 anos e 55 a 65 anos; sexo – masculino e feminino; e escolaridade – ensino médio e superior conclusos). O corpus desta pesquisa foi constituído a partir da coleta de falas espontâneas de informantes residentes na cidade de Garanhuns-PE, correspondente a 36 entrevistas e duração média de 10 minutos. Os dados foram codificados e rodados no software computacional GOLDVARB X (2005). Diante dos resultados fornecidos, concluímos que os falantes da comunidade de fala de Garanhuns- PE tenderam a utilizar com maior frequência a forma perifrástica do futuro verbal. Dentre os grupos de variáveis selecionados temos, nesta ordem: faixa etária, escolaridade, extensão lexical e paralelismo formal, como variáveis relevantes para esse estudo. A pesquisa em tela tem como embasamento teórico-metodológico a Teoria da Variação Linguística (LABOV, 2008 [1972]), que trata da interação entre o uso da língua e a

¹ Mestranda em Linguística – UFPE/ Graduada do curso de Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa e Suas Literaturas – UPE – Campus Garanhuns/ Pesquisadora no Grupo de Estudos em Análise e Descrição Linguística (GEADLin/CNPq).

² Professor Doutor do curso de Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa e Suas Literaturas – UPE – Campus Garanhuns. Líder do Grupo de Estudos em Análise e Descrição Linguística (GEADLin/CNPq).

³ Mestranda em Linguística – UFAL/ Graduada do curso de Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa e Suas Literaturas – UPE – Campus Garanhuns/ Pesquisadora no Grupo de Estudos em Análise e Descrição Linguística (GEADLin/CNPq).

⁴ Graduada do curso de Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa e Suas Literaturas – UPE – Campus Garanhuns/ Membro do Grupo de Estudos em Análise e Descrição Linguística (GEADLin/CNPq).

⁵ Graduada do curso de Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa e Suas Literaturas – UPE – Campus Garanhuns/ Membro do Grupo de Estudos em Análise e Descrição Linguística (GEADLin/CNPq).



organização social do comportamento linguístico. Vale pontuar que há poucos estudos a respeito da expressão variável do futuro verbal (forma simples ou perifrástica) na língua falada de Pernambuco, conseqüentemente, inexistente na língua falada em Garanhuns. Nesse sentido, acreditamos que um estudo descritivo, a fim de traçar o perfil sociolinguístico da Comunidade de Fala em questão, tende a contribuir com os estudos sociolinguísticos desenvolvidos pelo Grupo de Estudos em Análise e Descrição Linguística (GEADLin/UPE), que objetiva mapear sociolinguisticamente o Agreste Meridional Pernambucano.

PALAVRAS-CHAVE: Variação linguística; Futuro verbal; Fala.

ABSTRACT: With this research, we aim to understand the variable expression of the verbal future in the speech community of Garanhuns-PE. We seek to analyze whether there is greater realization in a synthetic future or in a **periphrastic** future. To do so, we started from the description / analysis of linguistic factors (tense, formal parallelism and lexical extension of the main verb) and extralinguistic factors (age group; sex; and schooling - completed high school and college). The corpus of this research was constituted from the informants living in the city of Garanhuns-PE, corresponding to 36 interviews and an average duration of 10 minutes. The data were coded using the computational software GOLDVARB X (2005). In view of the results provided, we conclude that the speakers of the speech community of Garanhuns-PE tended to use the **periphrastic** form of the verbal future more frequently. Among the groups of selected variables we have, in this order: age range, education, lexical extension and formal parallelism, as relevant variables for this study. The research on screen is based on the theoretical and methodological basis of the Theory of Linguistic Variation (LABOV, 2008 [1972]), which deals with the interaction between the use of language and the social organization of linguistic behavior. It is worth noting that there are few studies on the variable expression of the verbal future (simple or **periphrastic** form) in the language spoken in Pernambuco, consequently, nonexistent in the language spoken in Garanhuns. In this sense, we believe that a descriptive study, in order to outline the sociolinguistic profile of the Speech Community in question, tends to contribute to the sociolinguistic studies developed by the Study Group on Analysis and Linguistic Description (GEADLin / UPE).

KEYWORDS: Variation; Future; Speaks.

1 Apresentação

A Sociolinguística busca a sistematização do uso. Haja vista a relação entre língua e sociedade, a presente pesquisa está pautada no modelo teórico – metodológico da Teoria da Variação Linguística de base quantitativa, postulada por Labov (2008 [1972]). Essa concepção tem por objetivo conhecer quais fatores predominam para ocorrências e mudanças na língua, devido ao seu caráter heterogêneo.

A pluralidade do português brasileiro é de fácil percepção. A língua não é inerte e suas mudanças são motivadas por fatores estruturais e sociais. Para o estudo da linguagem em sua inscrição no social, Labov (2008 [1972]) apresenta um relevante papel ao aplicar técnicas antropológicas, psicológicas e sociológicas à Sociolinguística como



ciência, o que possibilitou o avanço nas pesquisas sobre Variação linguística em dados do português falado no Brasil.

O fenômeno variável aqui analisado é o futuro verbal. Para explanação do tempo cronológico existem os tempos verbais, dentre os quais o futuro admite possibilidades verbais para expressá-lo. Nesse sentido, é possível sugerirmos, desejarmos, realizarmos, entre outras ações, também é possível expressar tudo isso por meio de combinação de palavras, de formas verbais combinadas a outros elementos, o que, conseqüentemente, faz com que um verbo utilizado por nós tenha simultaneamente vários papéis e possa funcionar com diferentes aspectos, tempos e modos. Essa heterogeneidade depende não só da estrutura interna, mas do contexto situacional e diante dessa função semântico-discursiva dos verbos, o fenômeno linguístico em estudo encontra-se no nível morfossintático.

O objeto de estudo dessa pesquisa recai, portanto, sobre duas formas verbais, no modo indicativo: a) as formas simples/sintéticas (a incluir o presente com marcas de futuridade, o futuro do presente e o futuro do pretérito); e b) as formas perifrásticas (constituída pelo presente, futuro do presente ou do pretérito de verbos flexionados em tempo/pessoa + infinitivo do verbo principal), os quais foram selecionados como formas verbais que se alternam em contextos reais para tratar de prováveis acontecimentos.

Nas gramáticas tradicionais da língua portuguesa, as formas simples são as que representam o tempo verbal futuro. Contudo vários estudos têm atestado o futuro verbal como fenômeno variável, o qual vem passando por um processo de reestruturação no sistema de modo, tempo e aspecto verbal (GIBBON 2000, 2014; TESCH 2011; FONSECA 2010; BRAGANÇA 2008), apontando a forma perifrástica como predominante no uso, tanto na oralidade como na escrita.

A construção perifrástica é uma forma substituta do futuro simples. Nesse sentido, objetivamos compreender quais fatores externos e internos à língua favorecem ou inibem ocorrências no futuro perifrástico. Esperamos que esta pesquisa contribua para a sistematização da alternância do futuro verbal, pois trata-se de um trabalho pioneiro no Agreste Pernambucano.



Quanto ao desenvolvimento metodológico, obtivemos um corpus de dados organizados por intermédio de 36 informantes, selecionados a partir das variáveis sociais: sexo (feminino / masculino), faixa etária (15 a 25 / 35 a 45 / 55 a 65 anos) e escolaridade (ensino médio / ensino superior); e das variáveis linguísticas: tempo verbal (modo indicativo: presente com marcas de futuridade / futuro do presente / futuro do pretérito / presente + inf. / futuro do presente + inf./ futuro do pretérito + inf. / pretérito imperfeito + inf.), extensão lexical (verbos principais constituídos por 1 sílaba / ou + de 1) e paralelismo formal (ocorrência isolada da variante/ paralelismo formal / não ocorrência com formas simples / não ocorrência com formas perifrásticas).

Mediante à coleta de dados, formamos o corpus com entrevistas que relatam a vivência do informante e procuramos evitar o Paradoxo do Observador. Labov (2008 [1972] p. 244), a esse respeito, explica: “uma maneira de superar o paradoxo é romper os constrangimentos da situação de entrevista com vários procedimentos que desviem a atenção do falante e permitam que o vernáculo emerja”. O último processo foi a codificação dos dados obtidos nas entrevistas orais; e, para isso, utilizamos o Goldvarb X (2005), que visa calcular os valores percentuais e o peso relativo, a considerar os grupos de fatores em função de uma variável dependente.

Este artigo está subdividido em 4 seções, as quais objetivam descrever o fenômeno variacional em tela: Na seção 1 – Introdução: explanamos resumidamente toda a elaboração da pesquisa realizada com foco na variação do futuro verbal. Na seção 2 – Fundamentação teórica: apresentamos os construtos teóricos que norteiam a Teoria da Variação Linguística. Seção 3 – Procedimentos metodológicos: esta parte do trabalho compreende a metodologia usada para o desenvolvimento da pesquisa. Por fim, a seção 4 – Análise e discussão dos dados: apresentamos os dados estatísticos, mediante a utilização do Software computacional Goldvarb X (2005) bem como interpretações e comparações dos resultados com outras pesquisas. Apresentamos as variáveis estatisticamente significativas para escolha do futuro perifrástico, mas também explicamos as variáveis que não foram selecionadas pelo Goldvarb X (2005) como relevantes.



O presente estudo objetiva descrever o perfil sociolinguístico dos falantes de Garanhuns – PE em relação ao tempo verbal futuro, a fim da sistematização dessa alternância verbal. Em conjunto com as demais pesquisas sociolinguísticas, visamos apontar os fatores linguísticos e extralinguísticos que contribuem para o uso da forma inovadora do futuro, a perifrástica. Acreditamos que esta pesquisa incite novos estudos linguísticos em Garanhuns-PE e visamos também contribuir para isso.

2 Fundamentação teórica

Em 1964, vinte e cinco pesquisadores se reuniram em Los Angeles, por iniciativa de William Bright, dentre eles William Labov, e debateram temas como: a etnologia da variação linguística, a hipercorreção como fator de variação, a equação de situações sociolinguísticas dos Estados.

Assim como o estruturalismo descritivo teve importância fundamental para solidificação da linguística, Labov ao expandir as pesquisas Variacionistas, em seus estudos da mudança em progresso, conduz-nos para uma nova teoria da mudança, posteriormente chamada de Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação. Justifica-se Labov:

Este tipo de pesquisa tem sido às vezes rotulado de ‘sociolinguística’, embora este seja um uso um tanto enganoso de um termo estranhamente redundante. A língua é uma forma de comportamento social. (...) Crianças mantidas em isolamento não usam a língua; ela é usada por seres humanos num contexto social, comunicando suas necessidades, ideias e emoções uns aos outros. (LABOV, 2008 [1972], p. 215)

A proposta teórica postulada por Labov (2008 [1972]) busca o estudo da língua em uso real, analisando as variações linguísticas e sistematizando-as, sob a visão de uma língua heterogênea. Ao eliminar a associação entre estrutura e homogeneidade, a teoria da variação linguística ou também conhecida por Sociolinguística Quantitativa, demonstra-se livre para lidar com variações, diferentes maneiras de dizer a mesma coisa,



dentro de uma comunidade de fala, na perspectiva proposta por Labov (2008 [1972], p. 214), a qual pressões internas, estruturais, e pressões sociolinguísticas agem em alternância sistemática no mecanismo da mudança linguística.

Uma descrição sociolinguística consiste na pesquisa de correlações entre variantes linguísticas e categorias sociais, interpretando os cruzamentos significativos, na medida em que coloca a variação no centro da análise da estruturação da língua.

O conceito teórico de pesquisa usado na Sociolinguística Quantitativa é a delimitação de uma Comunidade de Fala (CF) para estudos da língua em uso. Logo, faz-se necessário explicar o porquê dessa noção de comunidade linguística ser inovadora em relação à estruturalista. A linguística descritiva se baseava na concepção da língua estruturada, invariável e compartilhada por todos os membros da comunidade linguística. À vista disso, Labov afirma que:

A comunidade de fala não é definida por nenhuma concordância marcada no uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas; estas normas podem ser observadas em tipos de comportamentos avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso. De igual modo, por meio de observações do comportamento linguístico, é possível fazer estudos detalhados da estrutura de estratificação de classe numa dada comunidade. (LABOV, 2008 [1972] p. 150)

Logo, a demarcação do campo de análise é essencial nos estudos sociolinguísticos para melhor identificação das características linguísticas, culturais e geográficas de uma CF e compará-la a outra, ou até mesmo perceber diferenciações no uso da norma na mesma CF.

3 Fenômeno em estudo

Segundo Silva (2006, p. 27-28), “a expressão do tempo verbal futuro, no português, está relacionada a diversos fatores; a forma de realização é um deles, uma vez



que além da forma sintética, na qual o futuro é expresso por um morfema, há, também, formas perifrásticas de realização”. Tais formas verbais possíveis para o uso do futuro verbal podem ser visualizadas nos exemplos (1-7):

- (1) “... **amanhã eu tenho** que trabalhar, sempre né?” (MJA. L2. 86 e 87. p.7)⁶
- (2) “E parece que não é o que **virá**” (PCL. L20. 42 e 43. p.87)
- (3) “Eu primeiramente **investiria** o dinheiro pra gerar mais lucro” (JFA. L7. 114. p.28)
- (4) “Mas ele **vai ajudar** um pouco, tentar melhorar na economia” (CASJ. L11. 7 e 8. p.42)
- (5) “Se o povo brasileiro começa a mudar seus pensamentos, **poderemos ter** vários candidatos novos” (ED. L29. 39 e 40. p.126)
- (6) “Bom, a minha mãe o qué que eu **poderia dá**?” (JPDF. L31. 45. p.134)
- (7) “Aí eu **ia investir** bem investido, principalmente im, na família.” (JNL. L18. 81. p.80)

As sentenças anteriores foram retiradas do nosso corpus e exemplificam a alternância entre as formas verbais para indicação de tempo futuro. Nas construções (1), (2) e (3) temos o uso das formas simples: presente com marcas de futuridade, futuro do presente e futuro do pretérito, respectivamente. Já, as sentenças (4), (5), (6) e (7) são construções perifrásticas, na devida ordem: presente + infinitivo (a partir de agora usaremos a abreviação: inf.), futuro do presente + inf., futuro do pretérito + inf.; e pretérito imperfeito + inf.

As gramáticas tradicionais tendem a abordar mais o futuro simples, não apresentam de forma efetiva as possibilidades variacionais de futuro e as poucas que

⁶ A codificação refere-se ao informante e a localização de cada sentença no *corpus* da pesquisa, tal como página e linha.



trazem a forma perifrástica de futuro citam-na rapidamente como verbete e como possibilidade de verbo auxiliar apenas o IR, o TER ou o HAVER para a formação do tempo futuro composto. Logo, é importante o desenvolvimento de estudos descritivistas para que os fenômenos linguísticos possam ser sistematizados e melhor compreendidos.

4 Procedimentos metodológicos

No que tange à pesquisa sociolinguística, Labov (2008 [1972], p. 216 e 217) pontua que “os dados básicos para qualquer forma linguística geral é a língua tal como usada por falantes nativos comunicando-se com os outros na vida diária”. Em seu livro, Padrões Sociolinguísticos (Sociolinguistic patterns, 1972), Labov apresenta os principais postulados teóricos e sua metodologia de trabalho.

Labov 2008 [1972] reconhece questionamentos iniciais sobre sua metodologia para a coleta de dados e explica que o método básico para se obter uma grande quantidade de dados confiáveis da fala de uma pessoa é a entrevista individual gravada, essa como uma fala pública, monitorada e controlada em resposta à presença de um observador externo.

Logo, chegamos a um questionamento base desse método: como superar o paradoxo do observador para observação do vernáculo, quando o informante no ato da entrevista “presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala” já que “só podemos obter tais dados por meio da observação sistemática”? (LABOV 2008 [1972], p. 244). No que diz respeito à entrevista, Labov pontua:

Pode ser feita em vários intervalos e pausa, que, se bem definidos, fazem com que a pessoa presuma inconsciente que, naquele momento, não está sendo entrevistada. Também podemos envolver a pessoa com perguntas e assuntos que recriem emoções fortes que ela experimentou no passado, ou envolvê-la em outros contextos. (LABOV, 2008 [1972] p. 245)



Como esta pesquisa está norteada na teoria da Sociolinguística Quantitativa, para coleta de dados, seguimos a metodologia concernente a essa concepção teórica e o presente estudo baseia-se em recortes da fala espontânea de moradores da cidade de Garanhuns – PE, localizada no Agreste Pernambucano, a 230 Km da capital – Recife, os quais permaneceram na sua comunidade de fala por ao menos 10 anos.

Para essa análise, foi elaborado um guia de perguntas como base para as entrevistas, com intuito do informante espontaneamente falar a variante em análise, mas não necessariamente foram usados apenas os questionamentos do guia ou foram usadas todas as perguntas em todas as entrevistas. Quando o diálogo com o informante fluía, de acordo com o que ele falava, eram elaboradas outras questões para continuidade da entrevista. Para induzir as pessoas a falarem com projeção futura, o guia de perguntas permeia entre o modo subjuntivo, o indicativo, o acreditar e a pretensão do informante.

Quadro 1: Guia de perguntas utilizadas para a realização das entrevistas

Sobre política:

1. Sobre as eleições presidenciais, o que você acredita que Bolsonaro possa fazer pelo Brasil?
2. Você crê que nas próximas eleições terão candidatos melhores? Por quê?
3. Você pretende assumir um cargo político? Por quê?

Sobre esportes:

1. Você gosta de esportes? Pratica ou pretende praticar algum?
2. Sobre a Copa do mundo 2022, você crê que o Brasil pode ganhar?
3. Se o Brasil perder nas etapas iniciais, qual seleção pode ganhar?



Questões pessoais:

1. O que planeja fazer no dia de amanhã? Fale com detalhes.
2. Quando e para onde ainda pretende viajar?
3. Nas suas próximas férias, o que pretende fazer?

Fonte: Elaborada pelos pesquisadores

Delimitamos nosso campo de estudo ao observar o mapa da cidade, selecionando 6 dos 12 bairros, devido sua localização, para representá-la, são eles: Boa Vista, Francisco Simão dos Santos Figueira (popularmente conhecido como Cohab 2), Heliópolis, Magano, São José e Severiano Moraes Filho (popularmente conhecido como Cohab 1). Após a delimitação, quantificamos e estratificamos os informantes necessários para coleta de dados, ficando para a entrevista 6 pessoas por bairro, 3 do sexo feminino e 3 do masculino, as quais variavam em nível escolar e faixa etária.

Com auxílio de um gravador de voz foram realizadas gravações de 7 a 15 minutos de duração, em média, formando um corpus de 36 informantes, com 6 horas, 34 minutos e 49 segundos de gravação, estratificados em sexo (feminino e masculino), idade (15 a 25, 35 a 45, 55 a 65) e escolaridade (ensino médio e superior). Devido ao teor ético da pesquisa, os informantes não foram identificados, contudo elaboramos um código de identificação para cada falante que corresponde às iniciais de seus nomes.

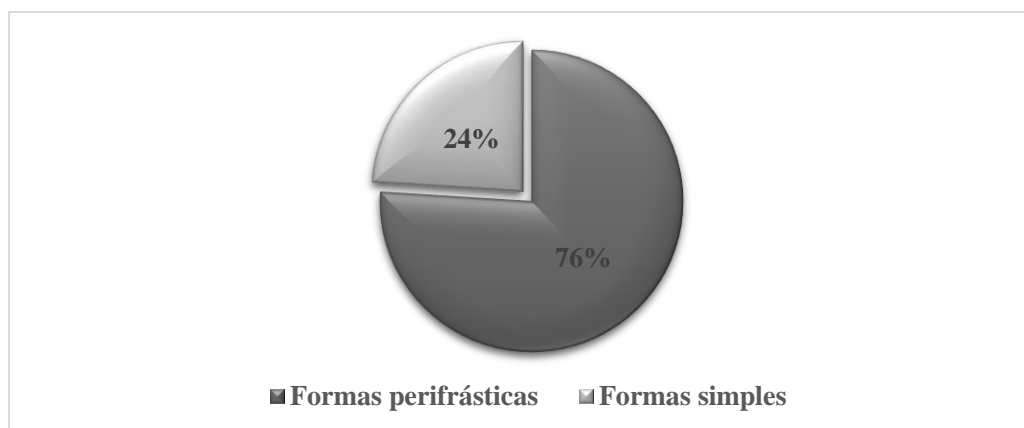
As entrevistas realizadas foram transcritas ortograficamente e os dados coletados foram submetidos ao Goldvarb X (2005), programa computacional para análise estatística e probabilística, imprescindível para pesquisadores da Sociolinguística Variacionista, por trabalhar com os dados linguísticos de forma precisa e resoluta.

5 Análise e discussão dos dados

Para o desenvolvimento desta pesquisa, selecionamos como aplicação da regra as formas perifrásticas. Para melhor visualização e compreensão das análises expostas a seguir, fizemos o uso de gráficos e tabelas, como também discorremos sobre as variáveis em tópicos.

No gráfico 1 observamos todas as 872 ocorrências coletadas, a partir dos 36 informantes da comunidade de fala de Garanhuns-PE e a preferência desses em relação a uma forma futura.

Gráfico 1: Distribuição das ocorrências das variantes perifrásticas e simples



Fonte: Elaborado pelos pesquisadores.

Como esperado, os garanhuenses, em seu perfil sociolinguístico, optam pela forma perifrástica, pois obtivemos 662 ocorrências das 872 na forma perifrástica, equivalente a 76% dos dados, contrapondo 24% das formas simples, com 210 ocorrências. Nesse sentido, nossos resultados se aproximam dos estudos implementados por Gibbon (2000), que apontam para um possível declínio da forma verbal de futuro do presente na língua falada. A pesquisadora dá ênfase à constituição da perífrase por verbo auxiliar -IR no presente do indicativo + verbo no infinitivo, e essa construção também mostrou-se muito significativa em nossa pesquisa.



Podemos constatar que a variante futuro perifrástico é mais usual entre a comunidade de fala em questão e os nossos dados aproximam-se dos de Gibbon (2014; 2000), Tesch (2011), Fonseca (2010) e Bragança (2008).

A seguir, analisamos os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionaram a escolha perifrástica no ato da fala, ao referir-se ao futuro, baseados nas variáveis estatisticamente significativas fornecidas pelo programa computacional Goldvarb X (2005).

5.1 Variáveis estatisticamente significativas, segundo o Goldvarb x (2005)

O programa computacional Goldvarb X (2005) foi por nós usado para viabilizar os termos percentuais, pesos relativos e indicar-nos os grupos de fatores relevantes ou não para escolha da forma perifrástica.

Dentre os 6 grupos de fatores selecionados para o andamento da pesquisa, 1 o software eliminou, o fator sexo - variável social, a indicar como não significativa estatisticamente; 1 grupo apresentou 100% das ocorrências para uma variante em questão, ocasionando nocaute e os outros 4 (quatro) foram considerados significativos estatisticamente. No que diz respeito ao nocaute, Guy e Zilles afirmam que:

Esses casos são chamados de nocaute porque, em tal contexto, o valor desse fator se sobrepõe ao efeito de qualquer outro contexto presente, quaisquer que sejam os outros fatores o resultado sempre será 0% ou 100% de aplicações do processo indicado pelo nocaute. Os outros efeitos de contexto, portanto, são postos fora do ringue. (GUY; ZILLES, 2007, p. 158)

A ordem dos grupos de fatores considerados estatisticamente significativos para a variação em estudo, conforme a rodagem de dados do Goldvarb X (2005), segue no quadro 2.

Quadro 2: ordem dos fatores considerados estatisticamente significativos para a variante formas perifrásticas de futuro verbal

1.	<p align="center"><i>Faixa Etária</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • 15 a 25 anos; • 35 a 45 anos; • 55 a 65 anos.
2.	<p align="center"><i>Escolaridade</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Ensino médio; • Ensino superior;
3.	<p align="center"><i>Extensão lexical</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Monossílabos; • + de 1 sílaba;
4.	<p align="center"><i>Paralelismo formal</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Ocorrência isolada da variante; • Paralelismo formal; • Não paralelismo com formas sintéticas; • Não paralelismo com formas perifrásticas;

Fonte: Elaborado pelos pesquisadores.

5.1.1 A influência da variável faixa etária na escolha da forma perifrástica

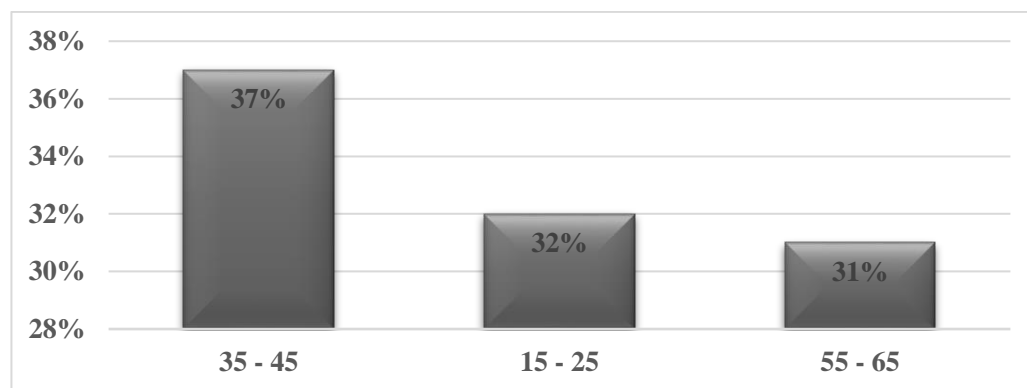
O fator idade foi o primeiro a ser selecionado como significativo para o presente estudo. Labov 2008 [1972] explica que as dimensões formadas por faixas etárias da população resultam em uma melhor análise da distribuição das formas linguísticas no tempo aparente; e, como não é possível a verificação da mudança em tempo real, procuramos estudar a variável em progresso por meio do tempo aparente.

Em busca dessa comparação nos estágios da evolução linguística, as idades selecionadas foram: 15 a 25 anos, 35 a 45 anos e 55 a 65 anos. Entrevistamos pessoas a partir de 15 anos, já que acreditamos que esses informantes já estão com os padrões linguísticos mais fixos, não engessados e definitivos, mas também não estão em processo de aquisição. Utilizamos o intervalo de 10 anos de uma faixa etária para outra devido à proximidade no grupo de fatores escolaridade.

As pesquisas sociolinguísticas desenvolvidas para estudo do fenômeno futuro verbal (GIBBON, 2014; 2000; TESCH, 2011; FONSECA, 2010), ao analisarem o fator faixa etária, têm a forma perifrástica com maior produtividade entre falantes mais jovens, logo trata-se de uma variante inovadora.

No Gráfico 2 observamos os dados obtidos em Garanhuns para a variável faixa etária:

Gráfico 2: Distribuição das ocorrências por faixa etária em relação à aplicação



Fonte: Elaborado pelos pesquisadores.

No que tange à relação aplicação/total das ocorrências, os informantes representativos da faixa etária intermediária realizaram mais o uso de formas perifrásticas, o que representa um percentual de aplicação de 37%. No entanto, os informantes mais velhos, em termos percentuais, apresentaram menor uso de formas perifrásticas, o que equivale a 31%. Seguindo quase o mesmo princípio da faixa etária de



55-65 anos, os indivíduos mais jovens produziram 32% das ocorrências na forma perifrástica, logo observamos um fator curvilíneo.

Para melhor compreensão da distribuição das variantes simples e perifrásticas, por faixa etária, analisemos a tabela 1:

Tabela 1: Influência da variável faixa etária na escolha da forma perifrástica

Faixa etária:	Aplic./Total	% de Aplic.	P.R.
15 – 25 anos	227/283	32%	.56
35 – 45 anos	254/321	37%	.52
55 – 65 anos	181/268	31%	.39

Fonte: Elaborada pelos pesquisadores.

Ao analisarmos o peso relativo, podemos visualizar que os indivíduos mais jovens e os representativos da faixa etária intermediária são favorecedores do uso de formas perifrásticas, com (.56) e (.52), respectivamente. No entanto, os informantes mais velhos tenderam ao uso de formas simples de futuro (.39).

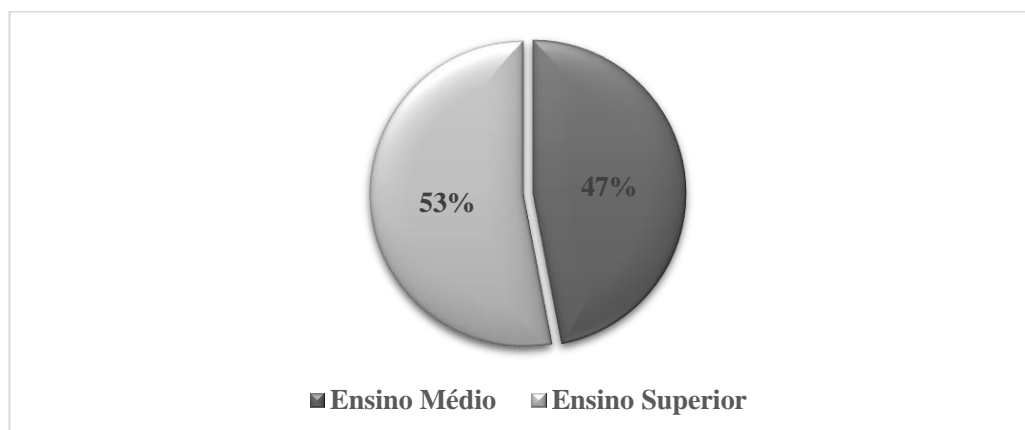
Percebemos que os mais jovens tendem a falar a forma perifrástica ao referir-se ao futuro verbal, contudo essa escolha não está apenas na 1ª faixa etária, a 2ª faixa apresenta um valor aproximado, tanto em termos percentuais como em peso relativo. Supomos, então, que apesar de tratar-se de uma variante inovadora, a forma perifrástica apresenta uma consolidação em detrimento da forma sintética na CF de Garanhuns e também há uma aparente linearidade variacional, no sentido que aumenta a idade do falante, diminui a possibilidade de realizações perifrásticas.

5.1.2 A influência da variável escolaridade na escolha da forma perifrástica

Tesch (2011) explica que a variável escolaridade é considerada relevante em diversos estudos no português e é imprescindível que se leve em conta os anos de escolarização de um indivíduo e a qualidade das escolas que frequentou, uma vez que essa exerce um papel de destaque no que diz respeito ao domínio da norma culta, prestigiada.

Contudo, em relação à escolaridade, os resultados de Gibbon (2014; 2000); Tesch (2011); Fonseca (2010) e Bragança (2008) apontaram para a não interferência na escolha entre as variantes. Diferentemente dessas pesquisas, esta pesquisa aponta o fator escolaridade como segunda variável significativa estatisticamente, conforme o gráfico 3:

Gráfico 3: Distribuição das ocorrências da forma perifrástica por falantes com escolaridade médio e superior



Fonte: Elaborado pelos pesquisadores.

Definimos como grupo de fatores da variável escolaridade pessoas que concluíram o ensino médio ou o ensino superior, em qualquer área. Das ocorrências que expressam o futuro verbal em relação à aplicação, obtivemos a maior parte de falantes do nível superior. Para um estudo mais detalhado analisemos a tabela 2:



Tabela 2: Influência da variável escolaridade na escolha da forma perifrástica

Escolaridade	Aplic./Total	% de Aplic.	P.R.
Ensino Médio	328/409	47%	.56
Ensino Superior	334/463	53%	.44

Fonte: Elaborada pelos pesquisadores.

As ocorrências do futuro verbal partiram de informantes do ensino superior, com 53% de aplicação; e, em se tratando do peso relativo, apenas o ensino médio foi considerado significativo para escolha da forma perifrástica, com (.56). Logo, constatamos que quanto maior a escolarização do informante menor a propensão do uso da perífrase, devido ao maior contato do falante com a norma padrão e a exigência de uso em ambientes acadêmicos. Contudo, ao se considerar que os níveis escolares mais baixos não foram investigados, os PRs foram relativamente próximos e não foram feitos testes estatísticos de Correlação de Coeficiente Intraclasse, não podemos afirmar mais sobre a CF em questão.

Em Tesch (2011), a divisão de níveis escolares foi ensino fundamental, médio e universitário, na qual o ensino médio favoreceu o uso da perífrase com 84%, seguido do ensino superior com 81% e do fundamental 77%. Em termos comparativos, nossos resultados aproximaram-se dos dela quanto ao nível médio, que também favoreceu a perífrase. Contudo, Tesch (2011) diz que o fenômeno em sua análise não sofreu influência da variável social escolaridade e o tempo que o informante passa na escola não interferiu na sua escolha entre as variantes disponíveis na língua, mesmo as gramáticas tradicionais não apontando a forma perifrástica como um possível substituto do futuro simples. Logo, nossa constatação diverge das da pesquisadora, pois além de esse fator ter sido selecionado como segunda variável significativa, a nossa pesquisa aponta o nível superior com tendência a inibição da perífrase.

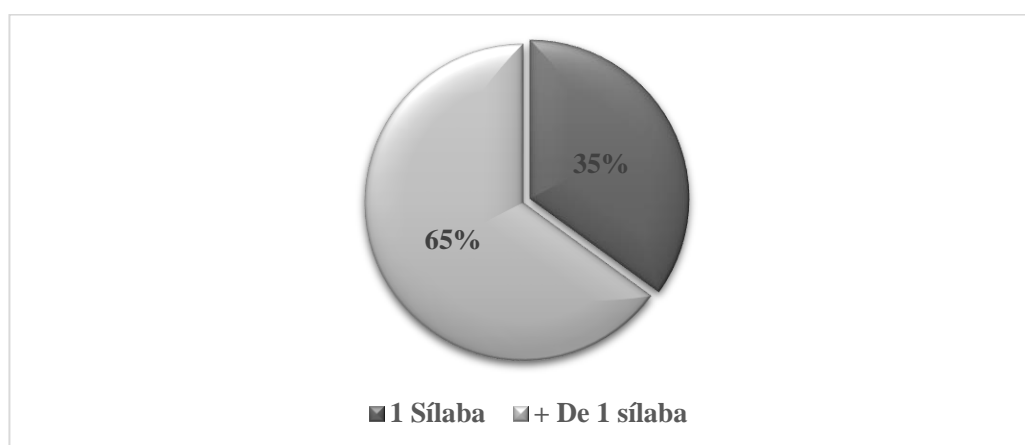
Os estudos de Gibbon (2014; 2000); Tesch (2011) e Fonseca (2010) revelam o fenômeno em questão como não estigmatizado pelas comunidades de fala analisadas, pois não apresentam oscilações entre a escolha da forma verbal nos níveis escolares. Os falantes de Garanhuns demonstraram o uso da variante conservadora mais restrito aos informantes de maior nível escolar, e o nível médio como fator favorecedor da perífrase, contudo também não a consideramos como estigmatizada, pois ela está presente nos dois níveis com grandes números de ocorrências (cf. tabela 2).

5.1.3 A influência da extensão lexical na escolha da forma perifrástica

Inúmeras pesquisas têm apontado a extensão lexical do verbo principal como um fator importante ao tratar-se da análise do tempo futuro. Neste estudo, ela foi selecionada como terceira variável significativa e como primeira variável linguística de relevância.

Ao considerar a frequência de ocorrência dos verbos principais monossílabos e dos constituídos por mais de uma sílaba nos dados da oralidade, obtivemos o seguinte resultado:

Gráfico 4: Distribuição das ocorrências por composição silábica do verbo principal



Fonte: Elaborado pelos pesquisadores.



Os resultados exibidos atestam que das 872 ocorrências no futuro verbal, 65% são constituídas de verbos principais no infinitivo formados por apenas uma sílaba e apenas 35% são verbos principais dissílabos, trissílabos ou polissílabos. Observemos os exemplos (8 a 11):

(8) “A saúde eu acho que seria bem melhor do que ele mexer com o pessoal que tá assaltano ...” (VST. L36. 52 e 53, p. 157)

Verbo principal: *SER* no infinitivo composto por *1 sílaba* usado na forma sintética;

(9) “... comé que eu vou dá um remédio a você se o governo não tá liberano?” (VST.L36. 85, p. 158)

Verbo principal: *DAR* no infinitivo composto por *1 sílaba* usado na forma perifrástica;

(10) “Após retirada a foto os dois atores acabarão essa cena.” (HRS. L24. 108, p. 107)

Verbo principal *ACABAR* composto por *3 sílabas* usado na forma sintética;

(11) “... eles vão mostrar a potência desses carro fugindo desses bichinhos ferozes!” (HRS.L24. 110 e 111, p. 107)

Verbo principal *MOSTRAR* composto por *2 sílabas* usado na forma sintética;

Tabela 3: Influência da variável extensão lexical do verbo principal na escolha da forma perifrástica

Composição silábica:	Aplic. /Total	% de Aplic.	P.R.
Verbos com 1 sílaba;	184/303	35%	.28
Verbos com + de 1 sílaba;	478/569	65%	.61

Fonte: Elaborada pelos pesquisadores.



Observando apenas os termos percentuais, já comprovaríamos nossa hipótese de que quanto mais sílabas tiverem o verbo principal, a tendência é o favorecimento do uso da perífrase. Mas, ao analisarmos o PR, podemos falar com mais propriedade que os verbos monossílabos não são significantes estatisticamente, segundo o Goldvarb X e que verbos a partir de 2 sílabas favorecem o uso da forma analítica com relevância de (.61), novamente confirmando nossa hipótese pautada nos estudos de Tesch (2011), Bragança (2008) e Gibbon (2000), já que, para impedir a criação de verbos muito extensos, os falantes tendem a distribuir o peso fonológico do vocábulo, referindo-se ao futuro verbal na forma perifrástica. Todavia, são necessárias pesquisas complementares a esta, que justifiquem o modo de interferência dessa extensão lexical, como fator morfológico, fonético ou prosódico, pois devido a limitação deste estudo não abarcamos maiores reflexões.

5.1.4 A influência do paralelismo formal na escolha da forma perifrástica

O paralelismo formal foi o quarto e último grupo selecionado como significativo dentro dos grupos propostos, o qual nos estudos de Gibbon (2000), também apresentou a mesma colocação.

Com a ideia de que as formas verbais tendem a repetir-se nos enunciados encadeadas, alegamos que a ocorrência do paralelismo formal favoreceria a forma perifrástica de futuro. Analisemos a tabela 4:

Tabela 4: Influência da variável paralelismo formal na escolha da forma perifrástica

Paralelismo formal:	Aplic./Total	% de Aplic.	P.R.
Ocorrência Isolada	113/173	20%	.31
Paralelismo formal	372/423	48%	.68



Não ocorrência do P.F com formas simples	77/140	16%	.23
--	--------	-----	-----

Não ocorrência do P.F com formas perifrásticas;	100/136	16%	.44
---	---------	-----	-----

Fonte: Elaborada pelos pesquisadores.

Percebemos que o paralelismo formal favorece a perífrase com 48% de ocorrências, seguido das ocorrências isoladas com 20% e o não paralelismo formal tanto com formas simples como com formas perifrásticas apresenta 16% em relação à aplicação. Em relação ao PR, o programa computacional em questão selecionou como grupo de fator significativo para a forma perifrástica apenas a existência do paralelismo formal com .68, consolidando nossa hipótese que o encadeamento das formas verbais em um enunciado favorece a repetição da forma perifrástica de futuro. Mesmo os outros grupos tendo apresentado porcentagens em favor da forma analítica, não se mostraram significativos, apresentando peso relativo abaixo de .50.

5.2 Variáveis estatisticamente não significativas, segundo o Goldvarb x (2005)

O software usado para análise das ocorrências dos falantes de Garanhuns apontou apenas uma variável como não significativa para escolha do futuro perifrástico, sendo essa extralinguística. Contudo faz-se relevante abordarmos os números percentuais de frequência e contrastar com outros estudos realizados.

5.2.1 A influência do fator sexo na escolha da forma perifrástica



O fator sexo aborda a diferenciação entre o sexo feminino e o masculino no ato da fala. Além das distinções físicas, acreditamos na influência de fatores convencionais, sociais nesse ato. Labov (2008 [1972], p. 349) explica que essa diferenciação dos falantes não está relacionada apenas a fatores físicos ou as diferentes quantidades de informação fornecidas por eles, mas trata-se de uma postura expressiva que é socialmente mais apropriada para um sexo que para o outro.

Contudo, em nossos estudos, esse grupo de fatores não foi considerado significativo estatisticamente, por isso tivemos de limitar-nos a apresentação apenas dos valores percentuais.

Tabela 5: Influência da variável sexo na escolha da forma perifrástica

Sexo:	Aplic. /Total	% de Freq.	P.R.
Sexo feminino;	327/439	75%	-
Sexo masculino;	335/433	77%	-

Fonte: Elaborada pelos pesquisadores.

Com auxílio da tabela, observamos que o sexo feminino produziu mais ocorrências no futuro verbal, lembrando que estamos tratando de diferenças numéricas mínimas, e mesmo assim os homens ainda se sobressaíram no uso da forma perifrástica.

Observamos que em Gibbon, 2014;2000, Tesch 2011 e Fonseca 2010 o fator sexo não mostrou grandes diferenças percentuais e que em 3 das análises exibidas (GIBBON 2014, FONSECA 2010 e GIBBON 2000) as mulheres usam mais a forma analítica, em contraponto com nossos resultados, nos quais o sexo masculino teve maior ocorrência da forma perifrástica, todavia é possível pensar que a escolha dessa variante já não mais justifica-se pelo sexo, trata-se do progresso dessa mudança linguística com outros fatores de relevância já apresentados nesta seção.



5.2.2 Variável nocaute

Nesta análise obtivemos um fator que apresentou nocaute em todos os grupos de fatores: o tempo verbal. Dividimos essa variável linguística em sete grupos de tempo: Presente com marcas de futuridade, Futuro do presente, Futuro do pretérito, Presente + infinitivo, Futuro do presente + infinitivo, Futuro do pretérito + infinitivo, Pretérito imperfeito + infinitivo. Como podemos observar, nessa escolha já apresentávamos tempos com perífrase e tempos simples, os quais certamente apresentariam 0% e 100% para a sua forma em questão, por exemplo, ao analisarmos os verbos no futuro do presente + infinitivo, foram apresentados 0% de ocorrências na forma simples, logicamente por já tratar-se de um tempo perifrástico; ao descrevermos o futuro do presente, obtivemos 100% de ocorrências simples, também por tratar-se de um tempo simples.

Não podendo rodar os dados com nocaute juntos dos outros, foi necessário a exclusão desses para que as outras variáveis apresentem seu PR, sendo possível apenas o estudo dos termos percentuais dessa variável.

Todavia, ao escolhermos esse fator para análise, já sabíamos que daria nocaute, pois nosso intuito não era saber se era significativo estatisticamente ou não, mas sabermos em qual tempo verbal os falantes de Garanhuns-PE mais falam em relação ao tempo cronológico futuro.

Tabela 6: Influência da variável tempo verbal na escolha da forma perifrástica

Tempo verbal:	Aplic./Total	% de Aplic.	P.R.
Futuro do presente;	31/31	4%	-
Futuro do pretérito;	151/151	17%	-



Presente com	28/28	3%	-
marcas de futuridade;			
Presente +	519/519	60%	-
infinitivo;			
Fut. do presente +	9/9	1%	-
inf.;			
Fut. do pretérito +	60/60	7%	-
inf.;			
Pretérito	74/74	8%	-
imperfeito + inf.;			

Fonte: Elaborada pelos pesquisadores.

Dos dados coletados, a porcentagem de frequência foi de 100% para cada forma, acarretando nocaute, mas ao observar a aplicação, percebemos que presente + infinitivo atinge 60% e os outros tempos não chegam nem a 20% de aplicação.

É perceptível que os Garanhuenses tendem a falar na forma perifrástica e de forma notória com verbo auxiliar no presente + infinitivo, pois dentre as 872 ocorrências, 519 foram nesse tempo.

Dos verbos no presente + inf. tivemos 437 ocorrências do verbo IR + inf. e 77 ocorrências do verbo PODER + inf., com raras ocorrências de outros verbos. Visto que nosso guia de perguntas contém questionamentos tanto com essas perífrases citadas como com o tempo simples, porque no ato da entrevista os informantes inicialmente estavam muito contidos e para incentivo da fala no tempo futuro a formulação das perguntas pode ter interferido, contudo não temos como provar.

Com exceção da análise proposta por Gibbon (2000), nossos resultados mostraram semelhança com as pesquisas de Bragança (2008), Tesch (2011) e Gibbon (2014) ao



apontar, na categoria Tempo Verbal, o IR no presente + inf. como preferência dos falantes, tornando perceptível que a diminuição do uso de futuro simples ocorre ao mesmo tempo em que há o aumento do uso do IR no presente + inf. Contudo, pesquisas complementares que investiguem a natureza do verbo auxiliar e até que ponto o futuro perifrástico está condicionado pelo verbo IR, contribuirão de grande forma com este estudo.

Considerações finais

O principal objetivo desta pesquisa foi abordar a variação do futuro verbal no português falado em Garanhuns-PE e sistematizá-lo sob a análise da Teoria da Variação Linguística (LABOV, 2008 [1972]), com intuito de investigar e descrever a correlação das variáveis linguísticas e sociais que expliquem o processo de alternância do fenômeno.

Para a análise, obtivemos um total de 872 ocorrências, dos 36 informantes selecionados dos 6 bairros de Garanhuns (Boa Vista, Cohab 1, Cohab 2, Heliópolis, Magano e São José). Dos dados exibidos, 662 foram na forma perifrástica e apenas 210 na forma simples do futuro verbal. Com os dados apresentados pelo programa computacional Goldvarb X (2005), a interpretação e a análise linguística propriamente dita, ficou evidente que na CF de Garanhuns, a variante simples está em declínio na língua falada e o futuro perifrástico está em ascensão como substituto da forma sintética, o que corrobora com pesquisas já desenvolvidas sobre a variante em estudo (GIBBON 2014, 2000; TESCH 2011; FONSECA 2010 e BRAGANÇA 2008).

Dentre os seis grupos de fatores analisados, quatro deles foram considerados significativos para a variante perifrástica: faixa etária, escolaridade, extensão lexical e paralelismo formal, respectivamente. No entanto, a variável sexo foi descartada pelo programa computacional e a variável linguística tempo verbal apresentou nocaute na rodagem dos dados.

Variável I: Faixa etária – Constatamos que os indivíduos mais jovens e os representativos da faixa etária intermediária são favorecedores do uso de formas



perifrásticas e os informantes mais velhos inibem o uso da forma analítica do futuro. Variável II: Escolaridade – O ensino médio foi significativo para escolha da forma perifrástica com (.56), logo percebemos que quanto maior a escolarização do informante menor a propensão ao uso da perífrase. Variável III: Extensão Lexical – Os verbos monossílabos inibiram a perífrase com (.28) e os verbos formados a partir de 2 sílabas favoreceram o uso da forma analítica, com significância de (.61). Variável IV: Paralelismo formal – Foi nossa última variável significativa, que objetivava a visualização do encadeamento de ocorrências, ou seja, a repetição das variantes no discurso. O paralelismo formal apresentou PR de (.68), em outras palavras, a forma perifrástica de futuro em uma oração levou a aparição de outra forma perifrástica, favorecendo seu uso.

Como esta pesquisa corresponde a uma análise inicial do futuro verbal na CF de Garanhuns-PE, posteriores investigações sociolinguísticas se mostrarão importantes para compreensão dessa alternância na língua falada. Ademais, a discussão não está encerrada e novos trabalhos se tornam necessários para retratar novos pontos de análise e sistematização. Este estudo tem a pretensão de se tornar uma ferramenta para pesquisas posteriores sobre a expressão do futuro verbal no português falado em Garanhuns – PE.

Referências

BRAGANÇA, M. L. L. **A gramaticalização do verbo IR e a variação de formas para expressar o futuro do presente:** uma fotografia capixaba. 2008. 146f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2008. Disponível em: <<http://repositorio.ufes.br/handle/10/3699>>

FONSECA, A. M. H. **A perífrase verbal ir + infinitivo e o futuro do dialeto riopretano:** um estudo na interface sociolinguística/gramaticalização. 2010. 176f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/99822/fonseca_amh_me_sjrp.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

GIBBON, A. O. **A expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis:** gramaticalização e variação. Florianópolis: UFSC, 2000. 126 f. Dissertação (mestrado) -



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU
ISSN: 2178-1486 • Volume 12 • Número 35 • Nov 2021



<http://dx.doi.org/10.48211/sociodialeto.v12i35.408>

Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão,
Florianópolis, 2000. Disponível em:
<<http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/78246>>

GIBBON, A. O. **Trajetória de gramaticalização da perífrase ir (presente) + infinitivo no domínio funcional do futuro: análise sincrônica e diacrônica em amostras de fala e escrita gaúchas.** Florianópolis: UFSC, 2014. 365 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/194025>>

GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos.** Tradução. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherer, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

SILVA, Ester Cardoso da. **A expressão do tempo futuro no português brasileiro dos séculos XVIII ao XX.** 2006. 116 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2006. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/93877>>

TESCH, L. M. **A expressão do tempo futuro no uso capixaba: variação e gramaticalização.** 2011. 191f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<http://poslinguistica-letras-ufrrj-br.umbler.net/images/Linguistica/3-Doutorado/teses/51-Leila-Maria-Tesch.pdf>>

Recebido em: 24/05/2021 | Aprovado em: 01/07/2021.
